
Pensar a Política*

Pierre Bourdieu**

Vivemos imersos na política. Estamos mergulhados no fluxo imutável e instável do falatório cotidiano sobre as chances e os méritos comparados de candidatos intercambiáveis. Não precisamos ler os colunistas do jornal diário ou semanal ou suas obras de “análise” que florescem na estação eleitoral e que irão se juntar aos estoques amarelados dos livreiros, alimento dos historiadores das ideias após uma breve passagem na lista dos *best-sellers*: seus autores nos oferecem, em todas as rádios e TVs, “ideias” que não são fáceis de receber porque já são “ideias recebidas”. Tudo pode ser dito e redito indefinidamente, pois que de fato nunca se disse nada. E nossos debatedores pagos que se encontram na hora certa para discutir a “estratégia de Raymond Barre”, a “imagem de Chirac” ou os “silêncios de Mitterrand” dizem a verdade de todo o jogo quando exprimem a esperança de que seu interlocutor não estará de acordo, “para que possa haver um debate”. As intenções sobre a política, como as palavras no ar sobre a chuva e o bom tempo, são de essência volátil e esquecimento contínuo que evita a descoberta extraordinária da monotonia que permite o jogo continuar.

Se for verdade, como pensava Durkheim, que a ilusão da compreensão imediata é o principal obstáculo à ciência do mundo social, sem dúvida não há nada que seja de acesso mais difícil do que a cotidianidade política. Esta região do mundo social, mais do que qualquer outra, produz e impõe sua própria representação de si mesma: aqueles que fizeram disso seu negócio passaram a ser mestres da representação de si, o que é uma das condições de acumulação desta espécie particular de capital simbólico que é o capital político; hoje eles não andam mais sem o acompanhamento de diretores, que significa na prática política uma versão semicientífica da ciência social; seus atos e seus propósitos constituem o objeto de uma exegese permanente, a qual, sob aparência de objetivá-lo,

* BOURDIEU, Pierre. *Penser la politique*. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 71-72, mars. Penser lapolitique - 1. pp. 2-4, 1988. Todos os grifos são conforme o original (NT). Tradução de Marquessuel Dantas de Souza.

** É um dos mais prestigiados sociólogos contemporâneos e Autor de diversas obras traduzidas em diversos idiomas, com destaque para *A Reprodução – Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*; *A Distinção*; *As Regras da Arte*; *O Poder Simbólico*, entre outras.

participa do objeto e contribui para sua representação. É nesse ponto estratégico que se situam os “politólogos midiáticos”, herdeiros modernos daqueles que Platão chamava doxósofos, personagens ambíguos que têm um pé na ciência e outro no objeto da ciência: sábios aparentes, eles se servem da aparência da ciência que sabem exhibir para intervir em nome da ciência, na realidade que fingem analisar; sábios da aparência, eles dominam suficientemente as receitas e as espertezas da representação política para explorá-las sob a aparência de analisá-las.

O erro, para a ciência, seria deter-se na crítica de seus erros científicos. Portanto, trata-se de analisar a posição e a função que existem no novo espaço político, que caracteriza precisamente sua intervenção. Isto, com o risco de parecerem lhe conceder o reconhecimento que toda verdadeira discussão científica implica, ou, ao contrário, de expor à censura para submetê-lo a uma demolição de modo vil e redutora, digna dos jornais satíricos. Este atentado contra as normas do decoro social, cuja observância presente assim como em outros lugares, é um dos maiores obstáculos ao progresso do conhecimento científico, será, sem dúvida, menos perdoado se for acompanhado de outra transgressão, aquela que consiste em transpor a fronteira sagrada entre a cultura e a política, entre o pensamento puro e a trivialidade da ágora: rompendo com aquilo que faz o charme inimitável de todas as rupturas iniciáticas – entre a ontologia e a antropologia para alguns, a ciência e a ideologia, para outros –, de todas as separações sacralizantes com os profanos que permitem sentir-se de uma essência superior e que descem à praça pública.

Mas não podemos evitar de interpretar um *remake* mais ou menos bem sucedido da tragicomédia do filósofo-rei ou do filósofo-mercenário, sofista ou doxósofo, sob a condição de nos armarmos de todos os instrumentos de ruptura, de distanciamento, de *estranhamento*, como diziam os formalistas russos. Um dos instrumentos mais eficazes é a reconstrução da gênese histórica, cujo esquecimento está no princípio da ilusão da evidência – tão poderoso que abusa dos próprios ilusionistas. Mas pensar a política sem pensar politicamente é também, sobretudo, aplicar-lhe modos de pensamento que, quase sempre, foram construídos contra ela, transgredindo assim o limite que é o princípio de sua elaboração. É operar a conversão do olhar necessário para submeter realidades tão triviais como uma sigla política, uma manchete num jornal ou um cartaz eleitoral ao questionamento mais radical, aquele que normalmente se reserva aos objetos mais raros da exegese filosófica ou religiosa, e do qual se dispensa este misto mundano de uma

análise fenomenológica sem rigor e de uma análise estrutural sem necessidade, que praticam voluntariamente os espíritos preocupados com a “modernidade”.

Temos alguma possibilidade de compreender verdadeiramente tudo o que envolve a compreensão imediata de um “golpe midiático”, de um jogo de palavras do *Libération* ou de um desenho de Claire Bretecher, sob a condição de fazer um trabalho análogo àquele que devem realizar o etnólogo, o etnobotânico ou o etnolinguista para trazer à luz os esquemas cognitivos que estão investidos em atos, em discursos ou em objetos estranhos à sua tradição. Mas, neste caso, devemos, além disso, manter-nos afastados das intuições de familiaridade, já que elas compreendem rápido demais categorias como a oposição entre direita e esquerda, objetos como a urna e a cabine de votação ou representações como o “queijo” pelo qual se ilustra a distribuição dos votos, e impedem de compreender realmente o próprio princípio da compreensão.